

SOBRE O FILME O NOME DA ROSA

Leonard Múnera Villamil ¹

Dr. Eduardo Medeiros²

RESUMO

O filme, O nome da rosa foi uma produção conjunta de diferentes países e está baseado no livro homônimo do escritor italiano Umberto Eco. Nele se conta a investigação de uma série de assassinatos num mosteiro que dois freis realizam, e que têm aterrorizado os seus habitantes. O presente artigo faz uma pequena apresentação do filme, e realiza uma análise dos diferentes elementos que o compõem: um breve contexto histórico, correspondente ao final da época medieval; a situação do cristianismo naquele momento, que era de uma evidente decadência moral e que levaria à futura reforma protestante; algumas características que o autor quis destacar, como a corrupção e a hipocrisia dos poderes religiosos; e finalmente alguns elementos literários que servem como crítica àquele período e que ao mesmo tempo enriquecem o filme e o colocam no nível de uma obra-prima.

Palavras chave: nome da rosa, época medieval, cristianismo, literatura, cinema

ABSTRACT

The film The Name of the Rose was a joint production of different countries and is based on the book of the same name by the Italian writer Umberto Eco. It tells the story of the investigation into a series of murders in a monastery carried out by two friars, which have terrorized its inhabitants. This article provides a brief presentation of the film and analyzes the different elements that make it up: a brief historical context, corresponding to the end of the medieval era; the situation of Christianity at that time, which was one of evident moral decadence and which would lead to the future Protestant Reformation; some characteristics that the author wanted to highlight, such as the corruption and hypocrisy of religious powers; and finally some literary elements that serve as a critique of that period and that at the same time enrich the film and place it on the level of a masterpiece.

Keywords: The Name of the Rose, Medieval Times, Christianity, Literature, Cinema

1. DADOS GERAIS

É o ano 1327. Num mosteiro beneditino no norte da Itália se produzirá um debate sobre a riqueza e a pobreza no interior da igreja, e as diferentes ordens religiosas enviam seus representantes. O franciscano William de Baskerville chega acompanhado do seu ajudante, o jovem Adso de Melk, os quais deverão investigar uma série de assassinatos. A maioria pensa que as mortes se devem à ação

¹Bacharel em Teologia pela FATEBE.

² Professor Doutor em História pela UFPR, Pós-graduação em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie, Bacharelado e Licenciatura em História pela UFPR, Bacharelado em Teologia – FATIN.
E-mail: parabolasgeek@gmail.com

maligna dos demônios, mas o perspicaz William não descansará até descobrir a verdade, ao mesmo tempo que enfrenta o poder inquisidor do catolicismo.

O filme é uma produção conjunta entre a França, Itália e Alemanha, e o áudio original está em inglês. Os títulos nesses quatro idiomas são: Der Name der Rose (alemão), Le nom de la rose (francês), The Name of the Rose (inglês), Il nome della rosa (italiano). O título em português é O Nome da Rosa, seu ano de produção foi 1986, sua duração é de 126 minutos, e foi catalogado sob os gêneros drama histórico e suspense policial. O diretor é Jean-Jaques Annaud, o roteiro foi escrito por Andrew Birrkin, Gérard Brach, Howard Franklin e Alain Godard, baseado no livro homônimo (Il nome della rosa) do escritor italiano Umberto Eco.

Um grande elenco foi convocado: Sean Connery (William de Baskerville), Christian Slater (Adso de Melk), Helmut Qualtinger (Remigio de Varagine), F. Murray Abraham (Bernardo Gui), Elya Baskin (Severinus), Michael Lonsdale (Abade), Volker Prechtel (Malachia), Feodor Chaliapin, Jr. (Jorge de Burgos), William Hickey (Ubertino de Casale), Michael Habeck (Berenger), Ron Perlman (Salvatore) e Valentina Vargas (Mulher).

Em 1987, ganhou os prêmios do Cinema Alemão como melhor filme, melhor ator e melhor interpretação (esses dois últimos para Sean Connery) e melhor design de produção (Dante Ferretti). Os prêmios David de Donatello ao melhor produtor (Bernd Eichinger, Franco Cristaldi), melhor design cenográfico (Dante Ferretti), melhor direção de fotografia (Tonino Delli Colli), melhor design de vestuário (Gabriella Pescucci) e o especial David René Clair (destinado ao filme que aliasse a qualidade artística aos requisitos para a melhor aceitação do público). O prêmio Nastro d'Argento por melhor design de produção. E o último daquele ano, o prêmio César ao melhor filme estrangeiro. Em 1988, obteve os prêmios BAFTA a melhor ator, e melhor maquiagem e caracterização (Hasso Von Hugo). A informação sobre o orçamento varia entre 17,5 e 20 milhões USD, enquanto teve uma arrecadação de USD 77,2 milhões. Tudo isso fala da qualidade com que esse trabalho foi realizado.

O filme foi muito bem recebido, tanto pela crítica especializada quanto pelo público em geral. Se considera uma das melhores atuações do reconhecido primeiro 007 do cinema Sean Connery; os velhos atores foram muito bem avaliados, com destaque para Feodor Chaliapin, Jr.; e foi o grande começo para um adolescente Christian Slater, quem depois triunfaria em diferentes papéis. Excelente adaptação de um romance, coisa que poucas vezes acontece.

2. RESUMO DO FILME

Justo antes da realização de um debate sobre se a igreja deve ou não possuir riquezas, uma série de mortes altera a cotidianidade de um gelado mosteiro no norte da Itália. O frei William de Baskerville tenta resolver o assunto o mais rápido possível, mas não consegue descobrir o responsável antes do arribo do inquisidor Bernardo Gui.

A grande maioria dos religiosos assevera que fatos apocalípticos e a presença de forças malignas são as causas das misteriosas mortes. Assim, elementos como a mulher, o riso e o conhecimento não aprovado se convertem nos principais suspeitos e as razões pelas quais o mal age de forma livre. A tal pensamento se opõe William de Baskerville, quem entende que a resposta deve ser mais natural que sobrenatural, e utiliza meios racionais, científicos, para desvendar o mistério.

O principal rastro é uma mancha preta no dedo indicador e na língua dos cadáveres (algumas cenas destacam a forma exagerada em que os escribas molham o dedo com saliva). Isto leva o protagonista a suspeitar que há alguma coisa estranha nos livros que afeta aos que têm contato com eles, ideia reforçada com a atitude dos bibliotecários de impedir o acesso à maior parte do acervo e manter em segredo tudo o que há no interior da biblioteca.

O achado de uma porta secreta desvela grande parte do mistério: uma imensa quantidade de livros distribuídos nos diferentes salões do que parece um labirinto. E quando os suspeitos estão sendo levados para a fogueira (eles são inocentes dos assassinatos), William e o seu ajudante Adso descobrem na sala principal do labirinto ao verdadeiro autor dos crimes, o velho e cego Jorge de Burgos, hábil demais, apesar da sua idade, para correr através daqueles corredores. No final, a biblioteca pega fogo, Jorge morre queimado, o inquisidor foge e morre ao cair por um precipício, e William e Adso vão embora, deixando atrás essa interessante aventura.

3. ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO

Os acontecimentos do filme pertencem ao ano 1327. Earle Cairns (2008, p. 24) chama o período da igreja entre os anos 1305-1517 como “o declínio medieval e o nascimento da Era Moderna”, pelo que o filme se coloca no começo daquela época. O século XIV se encontrava num estado de grandes mudanças e desafios. Eram tempos de uma igreja decadente enfrentada à expansão geográfica, a uma nova visão do mundo mais secular e intelectual, e ao Renascimento. O catolicismo dominante daqueles dias experimentaria uma série de problemas internos e externos que o deixariam numa crise de autoridade e credibilidade. A religião institucionalizada, o papado corrupto e a recusa para aceitar transformações internas, levaram ao cisma que produziu a reforma protestante dois séculos depois.

Um dos assuntos mais destacados em 1327 era que a sede papal não se encontrava em Roma, mas em Avignon, na França, o que criou a percepção de que a igreja estaria agora sob controle da coroa francesa. Isso debilitou a autoridade do Papa e gerou tensões entre os diferentes reinos europeus. Foi o papa Clemente V, influenciado pelo monarca francês, quem no ano de 1309 mudou a residência do sumo pontífice, dando início ao chamado cativeiro babilônico, que se prolongou até 1377. Porém, a volta para Roma não seria tão pacífica, pois a luta de poderes faria com que o mesmo corpo cardinalício nomeasse dois papas em 1378, Urbano VI, quem ficou em Roma, e Clemente VII, quem voltou para Avignon, criando o Grande Cisma, no qual os reinos da Europa se dividiram na tentativa de saber a qual dos dois pontífices brindarem seu apoio.

Ter levado a sede papal para a França fez com que Inglaterra se afastasse da autoridade romana, pois seus tributos iam parar nas mãos do seu principal inimigo, que nesse momento era o soberano francês (cabe lembrar que entre os anos 1337 e 1453 se deu a conhecida Guerra dos Cem Anos entre estas duas nações). Esse problema não foi exclusivo dos ingleses, pois ter de sustentar duas cortes era um peso muito alto de sobrecarregar para a maioria dos países, além das terríveis rendas e impostos exagerados que isso significava. No caso inglês, por exemplo, tudo isto, combinado com o apoio da classe média comerciante emergente, facilitou a separação das ilhas britânicas do controle católico.

Não tardou para que os outros povos europeus seguissem os mesmos passos e aproveitassem a oportunidade de se livrar do jugo político que o império

católico exercia, porém, sem deixar a submissão no aspecto religioso. Aos poucos apareceram as novas nações-estado, muito mais sustentáveis e que permitiam o desenvolvimento do comércio de maneira mais livre e com maiores rendas, tanto para os comerciantes como para o próprio estado em etapa de formação.

Toda aquela movimentação encontrou fortes bases no novo imaginário intelectual e artístico emergente, o Renascimento. A volta a práticas humanistas das antigas Grécia e Roma trouxeram também uma “reorientação cultural em que os homens trocaram a compreensão corporativa, religiosa e medieval da vida por uma visão individualista, secular e moderna” (CAIRNS, 2008, p. 232). O homem era agora a medida de todas as coisas, e o seu bem-estar definia os parâmetros de medição. O urbanismo, a vida nas grandes metrópoles, começou a traçar o roteiro das expectativas, e o comércio chegou a ser mais importante do que a agricultura. A religião passou de ser um assunto central na sociedade, para se converter num elemento periférico, útil na capacidade de satisfazer os desejos humanos.

Mesmo que o humanismo se relacione com a satisfação dos prazeres, o culto à beleza física e a procura de um conhecimento subjetivo, houve um grupo de pensadores do Renascimento preocupados com a volta às raízes da fé. Seu retorno ao passado foi aos textos gregos e hebraicos: “eram, pois, humanistas cristãos que aplicavam as técnicas e os métodos do humanismo ao estudo da bíblia” (CAIRNS, 2008, p. 236). Sua visão era radicalmente diferente da dos humanistas “seculares”, por chamá-los de alguma maneira. Seu humanismo ético e religioso contrastava com o estético e secular, ao tempo que o homem não era visto somente como uma criatura racional, mas também como um ser com alma (Ibid.), ou seja, com a necessidade de salvação.

No transcurso de 40 anos (1409-1449) se sucederam vários concílios, promovidos pela ação e morte de alguns grandes homens, como João Wycliffe e seus ensinamentos sobre igualdade, João Huss e a supremacia do ensino bíblico, e Savonarola e seu confronto ao estilo de vida nada santo do pontífice romano. O Grande Cisma foi também causante da ação intensa do catolicismo por restabelecer a ordem perdida quando dois papas, e depois até três, reclamavam para si o direito de controlar a igreja na Europa. Esses concílios conseguiram, pelo menos por um tempo, manter a ordem daquele sistema decadente. Com tudo, o caminho para a Reforma protestante estava preparado, e não tardaria muito para se manifestar.

No Oriente, a igreja Ortodoxa, já separada do Ocidente, sofria os ataques dos mongóis, e então mudou sua sede para Moscou tentando assim se afastar da possível intervenção que acontecia na Constantinopla. No final desse período, 25 anos antes da Reforma de Lutero, Cristóvão Colombo, procurando novas rotas comerciais, chegava o 12 de outubro de 1492 às terras até então desconhecidas da América. Dessa época, podemos ressaltar as figuras de João Wycliffe (1328-1384) e de João Huss (1373-1415).

4. PAPEL DA IGREJA CRISTÃ NESTE PERÍODO HISTÓRICO

Um papado em declínio e o fracasso do clero foram os elementos constantes neste período final da medievalidade. O celibato, não mais uma eleição individual e sim uma imposição papal, colocou muitos sacerdotes numa dicotomia entre obedecer ao Papa ou seguir um instinto natural habilitado biblicamente a través do casamento. A feudalização da igreja, somada ao enriquecimento descontrolado e a luxúria em que muitos dos seus representantes viviam, levou a um descrédito dela como instituição moral e verdadeira representante de Deus na terra.

Um dos elementos mais destacados no âmbito espiritual foi o surgimento do misticismo, que aparece como reação a um formalismo cerimonial frio, racional e distante, dirigido por um clero que não gerava confiança por sua cada vez mais deturpada imagem. O caos político facilitou essa tendência, junto com outros acontecimentos, como a peste negra, que dizimou amplamente a população e a levou a se preocupar com maior urgência pelo seu destino eterno. Surgiu assim uma nova maneira, mais subjetiva e emocional, de querer se relacionar com o Criador. “O místico deseja um contato direto com Deus pela intuição imediata ou pela contemplação” (CAIRNS, 2008, p. 222). Agora, o materialismo e a experimentação seriam também uma forma de alcançar o conhecimento divino. Este movimento, tanto influenciou Lutero na sua procura pela salvação e provocou à criação de diferentes escolas, quanto levou a extremos como algumas tendências de panteísmo e a ênfase na experiência pessoal.

Com tudo, algumas tentativas de reforma eram realizadas na procura de resgatar o corpo de Cristo da corrupção rampante em que estava envolvida. O misticismo buscava uma verdadeira conexão com Deus, porém, não deixava de ser

uma tentativa individual afastada do ideal corporativo de uma igreja, ou corpo, de Cristo. Resgate de doutrinas como Jesus cabeça da igreja e não o papa, ou a autoridade bíblica por cima da clerical, levaram à aproximação das Sagradas Escrituras aos fiéis com traduções nas línguas que eles falavam.

O primeiro dos grandes pré-reformadores foi João Wycliffe (1328-1384), nascido casualmente um ano após os acontecimentos do filme. Ele recebeu o apoio da nobreza inglesa na oposição que apresentou contra as práticas eclesiásticas de Roma e o poder ostentado pelas suas lideranças. Wycliffe procurava um verdadeiro nível moral naqueles que diziam ser representantes de Deus na terra, principalmente no uso dos bens materiais obtidos através de tanto imposto. É claro que esse apoio se alicerçava no conveniente que era para os ingleses a ideia de tomar o controle de toda aquela riqueza. Ele também iniciou uma tradução da bíblia para o inglês e formou um grupo de pregadores que ensinavam as verdades do evangelho. Eles foram conhecidos como os lolardos (CAIRNS, 2008, p. 227).

Outro grande pré-reformador foi João Huss (1373-1415) que, inspirado por Wycliffe, procurou a reforma da Igreja Romana na Boêmia. Escreveu um livro de grande impacto chamado De Ecclesia, onde permanecem suas ideias. Convidado pelo papa para debater suas propostas no Concílio de Constança, foi enganado e queimado na fogueira por se recusar a mudar suas posturas. Seus seguidores continuaram o trabalho dele, focando na obediência exclusiva aos ensinamentos bíblicos e rejeitando qualquer prática que não se achasse nas Sagradas Escrituras.

Finalmente, pode-se falar de Savonarola (1452-1498), o terceiro grande precursor da Reforma protestante. Mesmo sem chegar à estatura dos seus dois predecessores, gerou um grande impacto na cidade de Florença. As acusações e pregações dirigidas contra o papa e seu terrível modelo de vida o levou a ser enforcado. O trabalho desses três homens preparou o caminho para o que posteriormente Lutero, Wesley e demais fariam em favor do evangelho de Cristo.

5. LOCALIZAÇÃO DO FILME NO CONTEXTO DA MEDIEVALIDADE

Um velho narrador Adso de Melk conta uma aventura própria acontecida há muito tempo, quando era apenas um adolescente ao serviço do protagonista, William de Baskerville, no ano de 1327. A igreja, marcadamente católica nesse momento e próxima a experimentar as primeiras tentativas de Reforma, atravessa

uma época de grandes conflitos teológicos entre as variadas ordens, neste caso beneditinos e franciscanos, que os levam a confrontos dogmáticos mediados pelo próprio Papa e sua força vigilante, a Inquisição. A disputa jaz na postura ascética de uns (franciscanos) e a tendência oculta dos outros (beneditinos) a satisfazer os desejos da carne, que cobrem com fanatismo e religiosidade.

O filme não contém elementos fantasiosos representativos da época medieval. Está baseado num romance de ficção escrito e publicado em 1980 com um estilo adequado às formas da literatura fantástica policial do século XX, pelo que seu autor não precisou apresentar dragões, feiticeiros ou espadas encantadas. Tem, sim, um elemento mágico atribuído à envelhecida perspectiva dos idosos monges, que acreditam (pelo menos os que não conhecem o verdadeiro responsável) que as mortes são causadas por uma força demoníaca, em oposição e claro contraste à postura de William de Baskerville, o único interessado em encontrar a verdade de maneira lógica e racional, pois não o envolve nenhum tipo de interesse. Isto é uma crítica clara ao pensamento da época, que rejeitava a razão e queria manter o poder e controle por meio do medo e da ignorância.

O elemento destacado que o filme aborda é claramente o monacato medieval. A filmagem foi feita num velho castelo no norte da Itália, e os trajés são fielmente correspondentes à tradição das diferentes ordens religiosas. A tensão que gera a presença do franciscano William de Baskerville com sua atitude racionalista no interior do mosteiro beneditino parece ser o anúncio de futuras crises que levarão à separação entre católicos e protestantes, religião e ciência, fé e conhecimento, e a mudança de mentalidade que valorizará o positivismo e o pragmatismo por cima de qualquer outro tipo de pensamento.

Umberto Eco, morto em 2016, era um ateu declarado, com o qual se entende sua inclinação a desvirtuar todo conceito religioso e espiritual, refletido em freis muito velhos, esgotados, feios e muitas vezes com defeitos ou limitações físicas, e no caso do corcunda até mentais, além de todos eles esconder por trás de uma fachada de santidade características imorais, como ter pertencido a uma seita de assassinos, se aproveitar dos pobres, pagar por sexo e impedir o acesso ao conhecimento. Ao contrário, William de Baskerville antecipa o iluminismo e a modernidade, e representa valores destacados como razão, comprovação científica, e amor e sacrifício pelo conhecimento. Sua aparência é saudável e agradável, pelo

que não gera desconforto ao olhar para ele. Assim, sua presença traz alívio e é muito fácil se identificar com ele e ficar do seu lado.

O filme também mostra os conflitos que se davam entre as distintas ordens monásticas, neste caso beneditinos e franciscanos. Tenta se apresentar uma suposta irmandade na forma em que os líderes dos grupos se cumprimentam (com um beijo na boca), mas não demora em aparecer o problema: lutas para ver quem exerce maior poder, diferenças doutrinárias, e até antigas inimizades pessoais.

É muito impactante o contraste entre a vida no mosteiro e fora dele, pois a população pobre é tratada e age como se fossem animais: os clérigos lhes jogam montões de comida através de um buraco, como se fosse lixo, e que devem pegar do chão; habitam casas miseráveis cheias de buracos e sujeira, e são forçados a se vender por comida. Assim acontece com a única personagem mulher que aparece, que precisa se prostituir em troca de alimentos, e que procura amor e aceitação no jovem aprendiz Adso de Melk.

A mulher é apresentada em dicotomias: uma fonte tanto de pecado como de virtude; um objeto que satisfaz os instintos básicos, e também uma imagem de perfeição e beleza inalcançáveis; capaz de provocar as mais baixas paixões, e de despertar um profundo senso de espiritualidade. Assim, enquanto uma moça vende seu corpo em segredo a padres que não conseguem dominar sua luxúria, em troca de alimento e outras coisas de necessidade primária, dois freis observam uma estátua da virgem Maria e experimentam uma espécie de êxtase espiritual. Adso de Melk, mesmo que apaixonado por aquela moça, e depois de ceder à provocação dela e se deitarem juntos, a rejeita porque prefere o estilo de vida, supostamente de maior virtude e prestígio, que obtém por pertencer ao monacato.

O contraste entre a figura da Virgem e a moça é evidente, a primeira como um ideal intangível, e a segunda como objeto descartável. A mulher na medievalidade era um ser sagrado enquanto ficava fora do alcance do homem, enquanto ele era incapaz de satisfazer seu desejo de possuí-la. O sagrado é sagrado porque não há maneira de se aproximar dele, dominá-lo e controlá-lo. Nesse estado, é adorado e desejado, e merece culto e adoração. Porém, uma vez que a mulher cede aos caprichos do homem e é possuída, deixa de ser desejável e perde toda sua sacralidade. É o adorador quem tira a santidade do objeto de culto quando consegue se apropriar dele, tirando assim justamente o que lhe dava esse

caráter. A mulher, nesse contexto, era santa por ser inacessível; pela sua vez, o homem, corrupto por natureza, corrompe e destrói tudo o que toca.

Do filme se deduz que na época medieval os elementos espirituais eram só fachadas de ética e moralidade para manter o statu quo das elites, e que por trás delas escondiam a necessidade quase incontrolável de satisfazer cada desejo, sem se importar como os que estavam ao redor. O próximo era só o médio para atingir seus objetivos, e o espiritual era um discurso afastado da realidade e do seu verdadeiro significado.

6. ALGUMAS REFERÊNCIAS À LITERATURA MODERNA

Filme baseado no livro homônimo, do escritor italiano Umberto Eco, e publicado em 1980. O mesmo autor, em vista da recepção e sucesso que teve seu livro, precisou publicar outro no qual explicava a filosofia e as técnicas utilizadas para construir seu romance: *Apostilas ao nome da rosa*.

Há uma evidente rejeição do autor a todo entendimento místico ou mágico, em contramão da posição racional do iluminismo. Por isso decide colocar o romance nesse ano, quando o fim da idade média dava passo ao renascimento e as filosofias positivistas. Com tudo, é uma grande crítica, desde um olhar moderno, à visão medieval que se opõe ao avanço do conhecimento. Talvez a pergunta velada que fica é quais interesses haverá ainda por trás de toda tentativa por deter a aquisição da verdade.

É interessante que o filme *O nome da rosa*, cujos acontecimentos transcorrem no ano 1327, utiliza elementos narrativos da literatura policial do século XX, como a atitude de William na hora de analisar os fatos. É uma crítica ao que é conhecido como a era das trevas, que devia ser iluminada com a luz da razão e do pragmatismo. Por isso, confluem elementos históricos, políticos, filosóficos e policiais, os quais o autor utiliza como oposição ao conhecimento baseado na revelação divina e na tradição da igreja. E mesmo que a estória esteja ambientada no final da era medieval, ela foi escrita no século XX por um autor ateu. Ou seja, a intenção de Umberto Eco fica clara: demonstrar a verdade da razão, a falácia do mundo espiritual e o uso que os poderosos podem dar ao conhecimento para manipular e se aproveitar das massas.

O sobrenome do personagem principal do filme, William de Baskerville, é uma alusão direta ao romance O cão de Baskerville, protagonizado pelo famoso Sherlock Holmes e escrito por Arthur Conan Doyle. Lá, um cachorro fantasmagórico assombra um vilarejo, e o detetive precisa resolver a situação. É sabido o estilo que sempre acompanhava a Sherlock Holmes, a lógica e a razão pura. Estas são as principais virtudes que desejam ser exaltadas no Nome da Rosa, e ao mesmo tempo são a cura para tudo o que se considere falso ou ilusório: neste caso, a magia, o espiritual, a fé.

O detetive Holmes, mesmo quando a situação aparentava ser a mais estranha e inverossímil, tinha a convicção de que a resposta deveria ser lógica e racional. Tão só faltava a suficiente informação, os dados necessários, para descobrir a verdade. A falta de solução se devia à ignorância, à incapacidade de achar e ler todas as pistas, e juntá-las de maneira coerente. Para ele, atribuir qualquer acontecimento ao efeito do mundo sobrenatural era uma saída fácil, uma forma de procrastinação, devido à falta de estudos e análises. E essa era a atitude de William de Baskerville e a razão pela que foi enviado a solucionar o mistério. Nem o livro nem o filme deixa claro quem o envia, mas fica evidente que foram os mesmos que detêm o poder, mas que precisam manter as aparências. Não se esclarece quem o envia porque não é a intenção do autor, e sim a de colocar a razão por cima dos assuntos da fé.

Outra clara referência à literatura está no vilão Jorge de Burgos, quem é alusão ao argentino Jorge Luis Borges, um dos mais influentes escritores do século XX, cuja obra se caracteriza pela complexidade, profundidade e riqueza simbólica. Este autor gostava de falar da época medieval, dos grandes castelos, do livro como fonte máxima de conhecimento, da informação restrita a um pequeno grupo de pessoas como eleitos, dos labirintos, das bibliotecas (no filme, a biblioteca está escondida dentro de um labirinto, ou melhor, a biblioteca mesma é um labirinto), etc. Ele era cego, assim como seu xará do filme, e também tinha um temperamento forte e pouco acessível. Sua figura foi perfeita para representar a cegueira que Umberto Eco atribuiu a esses anos, e ao poder que exerce o conhecimento sobre os que não o possuem.

No seu conto La biblioteca de Babel, a biblioteca é um labirinto de livros que contém todas as possíveis combinações de letras e símbolos. Para Borges, o livro é um compêndio de significados e possibilidades onde se procura o conhecimento e a

compreensão do universo. O trabalho dos bibliotecários é ler cada livro até achar aquele onde se encontra a verdade. Para isso, têm de se adentrar na infinidade e complexidade do conhecimento humano, o qual é um labor impossível de completar, mas que precisa ser realizado. Na procura da verdade, vão se encontrar também com a incerteza e a confusão, pelo que deverão ter bastante sabedoria para identificá-las; e junto com tudo isso, um espírito de aventura e um pouco de gosto pelo risco. O livro tem o poder de se recriar com cada leitura. O autor é uma ponte entre o leitor e o saber que este constrói cada vez que se adentra nas páginas desse mundo.

Se o livro é um universo, a biblioteca é um universo de universos, uma espécie de multiverso que contém todas as possibilidades da existência (BORGES, 2007a, p. 558). No filme, a biblioteca é um lugar proibido para a maioria, controlado por Jorge de Burgos, um frei cego fisicamente, mas o único com acesso ao verdadeiro conhecimento e com o poder para decidir quem entra e quem não. Ele usa sua autoridade para eliminar os que ousam se aproximar dos textos que não gosta, assim como por tantos séculos a igreja católica exterminou os supostos hereges, os que se opunham ou representavam algum tipo de questionamento a dita autoridade religiosa.

Para Borges, o labirinto podia ter múltiplas formas: um grupo de cavernas escuras conectadas por escadas, pontes e túneis, ou um enorme deserto, infinito à vista, de inúmeras dunas, todas iguais, que não permitem saber qual é a saída. O labirinto representa o paradoxo da condição humana: um lugar misterioso, solitário e sufocante, do qual o indivíduo quer fugir. Pode estar cheio de segredos e tesouros, mas não deixa de ser uma prisão. Outros dois contos de Borges, *La casa de Asterión*, que utiliza o mito do minotauro como base da estória (BORGES, 2007b, p. 685), e *Los dos reyes y los dos laberintos*, situado em Babilônia e em Arábia (BORGES, 2007c, p. 732), ensinam que a única forma de escapar do labirinto é através da morte. Nos acontecimentos do filme, foi assim para muitos, incluindo o mesmo Jorge de Burgos. Mas os dois heróis, William e Adso, graças à razão e o conhecimento, conseguem sair de lá, vencendo assim o mal que os queria destruir.

O filme *O nome da rosa* é uma grande obra do cinema que reflete as condições sociais do fim da era medieval, é uma crítica à corrupção do poder, é uma fotografia do pior da condição humana e um exemplo das razões de algumas pessoas para desconfiar dos assuntos da fé e da religião. É também uma maneira

de mostrar como o filtro do presente serve para analisar o passado, e as diferentes problemáticas que o cristianismo deve aprender a enfrentar, e tem enfrentado, ao longo da história da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jorge Luis. **La biblioteca de Babel**. Em Obras completas I. Buenos Aires: Emecé, 2007a, pp. 558-566.

BORGES, Jorge Luis. **La casa de Asterión**. Em Obras completas I. Buenos Aires: Emecé, 2007b, pp. 683-685.

BORGES, Jorge Luis. **Los dos reyes y los dos laberintos**. Em Obras completas I. Buenos Aires: Emecé, 2007c, pp. 731-732

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ECO, Umberto. **Apostillas a El nombre de la rosa**. Barcelona: Lumen, 1988.

ECO, Umberto. **El nombre de la rosa**. 9ª ed. Barcelona: RBA, 1993.